

Intelectuais perdem espaço para setores populares no Congresso

DIANA FERNANDES

Com a massificação da política e a conseqüente representação de vários segmentos da sociedade no Congresso Nacional a chamada intelectualidade brasileira não tem mais o mesmo espaço que tinha no Parlamento de 30 anos atrás. Já não é tão fácil listar no Congresso nomes ilustres do mundo acadêmico, mas os intelectuais ainda se fazem presentes na política, disputando as tribunas com sindicalistas, ruralistas, empresários e até representantes dos estudantes.

Não existe uma estatística sobre quantos intelectuais ocupam hoje uma cadeira de deputado ou de senador, mesmo porque o conceito da palavra é muito flexível. "Relativo ao intelecto; que tem dotes de espírito, de inteligência; pessoa devotada às coisas do espírito, da inteligência", assim Aurélio Buarque de Holanda define um intelectual. "Devemos ter aqui no Congresso uns 100 interlocutores de alto nível", arrisca o deputado-psicanalista Eduardo Mascarenhas (PSDB-RJ), que se autodefine um pensador e acredita ser esse hoje um dos segmentos representados na política.

Darcy Ribeiro, Roberto Campos, José Sarney, Delfim Netto, Fernando Gabeira, Maria da Conceição Tavares, Artur da Távola, Roberto Freire e Eduardo Suplicy são — geralmente nessa ordem — os nomes mais lembrados quando se procura enumerar os parlamentares intelectuais. Dois deles, os senadores Darcy Ribeiro e José Sarney, são os mais destacados por serem os únicos parlamentares imortais, com cadeiras cativas na Academia Brasileira de Letras (ABL).

A lista é com certeza muito mais extensa e nela se incluem nomes como dos deputados Antônio Kandir (PSDB-SP), Marta Suplicy (PT-SP), Michel Temer (PMDB-SP) e de senadores como Josaphat Marinho (PFL-BA) e Lauro Campos (PT-DF), além de muitos outros. Ao contrário do que acontecia na primeira metade do século,



Sarney: "A política ocupa muito tempo da minha vida, mas nunca me faltou um gesto de amor com a literatura"

quando o Parlamento tinha ilustres acadêmicos como Menotti del Picchia, Humberto de Campos, Gilberto Freire, Afonso Arinos, Plínio Salgado e Barbosa Lima Sobrinho, a intelectualidade dos políticos de hoje se manifesta não só no campo da literatura, mas nos estudos econômicos e sociológicos.

"Hoje nós temos no Congresso um número considerável de economistas de peso. Seria ótimo se tivéssemos mais escritores, mais intelectuais", avalia o senador Eduardo Suplicy, um dos que se destacam na política pelos estudos econômicos. "Seria importante estimular a intelectualidade a participar da vida política". Suplicy, como a maioria dos literatos do Congresso, quer continuar combinando as duas coisas. O deputado Fernando Gabeira (PV-RJ) também quer continuar nas duas frentes, mas já sabe, no seu primeiro mandato de deputado federal, que em determinados momentos a política atrapalha a literatura e vice-versa. "Não pode confundir uma coisa com a outra", diz o autor de *O Que É Isso*

Companheiro?

O senador Roberto Freire (PPS-PE), embora sem obra literária, é sempre citado pelos seus colegas como um dos grandes intelectuais do Congresso. Para ele, está de bom tamanho a representação da classe na política. "Comparado com as legislaturas onde pontuavam grandes nomes da inteligência nacional, o Congresso hoje é mais democrático e menos elitista", considera Freire. Com mais de 20 anos ininterruptos de mandato parlamentar, o socialista Roberto Freire é apontado como uma das pessoas que melhor verbalizou a perplexidade da esquerda com a crise do comunismo e que sabe assimilar muito bem as mudanças do mundo, sem ceder aos discursos da direita.

Se o parâmetro para definir um intelectual é o número de obras publicadas, sai na frente o deputado-economista Roberto Campos (PPB-SP), com 14 livros sobre as variações econômicas do Brasil e do mundo, fundamentados na política neoliberal, e inúmeras publicações em jornais, revistas e estudos uni-

versitários. Em seguida vem o senador-antropólogo Darcy Ribeiro, o acadêmico que, em defesa da salvação dos índios, da preservação da natureza brasileira, da educação democrática e da felicidade do povo — como ele mesmo define suas causas —, já publicou seus romances e ensaios em mais de 10 países das Américas e da Europa. O seu romance mais famoso, *Maíra*, tem ainda edições hebraica, húngara e polonesa.

O outro imortal com cadeira no Parlamento, o presidente do Congresso, José Sarney, tem uma obra literária menos extensa, mas nunca deixa de entrar na lista dos intelectuais da Casa. Entre suas obras literárias destacam-se *Norte Das Águas* e *Marimbondos de Fogo* e *O Dono do Mar*, romance que será lançado amanhã em São Paulo. No grupo de autores de obras importantes entra sempre a deputada Maria da Conceição Tavares (PT-RJ), com o seu livro *"Da Substituição das Importações ao Capitalismo Financeiro"*, um clássico da economia moderna, que já influenciou várias gerações de economistas.